

## ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DOS DICIONÁRIOS *ONLINE*<sup>1</sup>

Ronaldo Adriano de Freitas  
Mestrado/UFF

Orientadora: Vanise Gomes de Medeiros

### Uma Aproximação

No presente trabalho pretendo apontar, por meio de uma análise de meu projeto de pesquisa de doutorado, uma relação entre o desenvolvimento da Glotopolítica<sup>2</sup> enquanto campo do saber e da História das Ideias Linguísticas articulada à Análise do Discurso como proposto por Orlandi (2009a). Mais especificamente, pretendo demonstrar como o projeto de pesquisa de doutorado que inicio nesse momento, na área de História das Ideias Linguísticas, está intimamente relacionado às pesquisas desenvolvidas na Glotopolítica, de forma a salientar a contribuição dessa disciplina para essa atividade.

O citado projeto tem por objetivo a análise da produção metalinguística na/para a internet – em especial os dicionários *online* – considerando que as condições de produção que envolvem sua aparição produzem efeitos de sentidos próprios, os quais modificam a estrutura de funcionamento da relação desses instrumentos com seus usuários. Tal objetivo - centrado nos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso (AD) iniciada por Michel Pêcheux na França e desenvolvida no Brasil em diversas frentes - produz particularidades no desenvolvimento de minha pesquisa em relação à maioria das que se desenvolvem sob os princípios da Glotopolítica, no entanto, destaco aqui o espaço em que a proximidade entre esses dispositivos teóricos proporciona novos olhares para o objetivo em construção.

Considero assim, pelo viés da Glotopolítica, que os trabalhos que analisam o discurso dos instrumentos linguísticos tal qual se propõe a História das Ideias Linguísticas (HIL) em interlocução com a AD constituem uma forma de ação glotopolítica, intervindo

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado aos professores Xoán Carlos Lagares e Marcos Bagno, no curso: Glotopolítica e norma linguística, da disciplina Políticas linguísticas. Representa o atual estágio de desenvolvimento da pesquisa de doutorado apresentada no VII SAPPIL.

<sup>2</sup> Opto, nesse trabalho, pela grafia em maiúscula “Glotopolítica”, para a designação do campo de saber que se instituiu disciplinarmente para a análise de intervenção na glotopolítica, assim entendida o objeto de estudo dessa disciplina, do qual trato nessa introdução.

---

politicamente na língua pela institucionalidade do discurso acadêmico. Parto, para isso, do que afirmam Bonnin e Lauria que em seu trabalho que destaca o papel glotopolítico da análise discursiva desses instrumentos:

La Glotopolítica (ARNOUX, 2008a; DEL VALLE, 2007 y 2013; ARNOUX y DEL VALLE, 2010 y ARNOUX y NOTHSTEIN, 2014) aborda, desde una concepción integracionista y latinoamericanista y mediante el análisis discursivo de materiales diversos del archivo histórico (próximo o distante), las intervenciones en el espacio público del lenguaje, provengan tanto de espacios institucionales oficiales cuanto no oficiales, atendiendo a la relación que estas entablan con transformaciones y demandas socio-históricas más generales. De entre ellas se ha detenido tradicionalmente en la construcción de imaginarios colectivos y sus efectos ideológicos. (BONNIN E LAURIA, p. 298-9).

Orlandi (2009a) destaca que a grande contribuição da aproximação entre a HIL e a AD é a inserção da questão política no escopo das pesquisas em HIL, uma vez que para a AD nada existe fora do político - entendido como materialidade das relações de lutas de classes que movem a história. Isso significa considerar o político como constitutivo da linguagem, e não apenas como lugar de ação administrativa sobre a língua.

Savedra e Lagares (2013) demonstram que esse duplo funcionamento do político na linguagem – produzir, intencionalmente ou não, efeitos sobre ela por via político-administrativa / constituir historicamente a língua – é abarcado pela Glotopolítica pelas noções de *planificação lingüística* (aí entendidos os atos de autoridade que produzem uma intervenção sobre a língua) e de *política lingüística* (aí contempladas as “grandes escolhas” que se estabelecem na relação entre o funcionamento da língua e da sociedade). Embora tais conceitos sejam importantes para determinadas análises, os autores recorrem a Cooper (1997) para demonstrar que essas dimensões de análise glotopolítica não se dão estaques nem se definem facilmente:

As diferentes definições apresentam divergências em relação, sobretudo, aos agentes desse tipo de intervenção: para alguns autores, só poderiam ser instituições normativas de órgãos governativos, enquanto outros reconhecem este papel na ação dos mais diversos agentes sociais. Também não há coincidência no que diz respeito ao próprio objeto do planejamento, que pode abarcar um enorme leque de opções: apenas a padronização formal da língua, a intervenção sobre as suas funções sociais, o ensino da língua ou a aquisição, ou simplesmente a resolução de problemas sociais que têm uma componente lingüística, tais como a integração nacional ou internacional, o intercâmbio científico, a assimilação de minorias ou a proteção do consumidor, por exemplo. (SAVEDRA E LAGARES, 2013, p.13)

---

Assim, a análise do desenvolvimento epistemológico da Glotopolítica apresentada por Savedra e Lagares conduz à percepção da glotopolítica como o conjunto dos fatos de linguagem em que a ação da sociedade toma a forma do político. Os autores se baseiam em Guespin e Marcellesi (1986) para afirmam que o termo glotopolítica pode servir para “evocação das práticas e para a designação da análise, sendo, portanto, ao mesmo tempo uma prática social, à qual ninguém escapa, pois as pessoas fariam glotopolítica sem o saber”. (*ibid*, p. 14).

Essa formulação é importante para a compreensão da análise discursiva que proponho em minha pesquisa, uma vez que, adotada a perspectiva pechetiana de análise do discurso, evoca-se uma análise que se volta para o funcionamento dos processos de produção de sentido, o que se dá pela consideração não de um sujeito empírico, mas de sua representação discursiva, ou seja, o sujeito em AD é tomado como posição discursiva, fruto das condições sócio históricas que o colocam em condição de dizer e produzir sentidos, da opacidade da linguagem e do funcionamento do inconsciente. (Orlandi, 2009b, p. 15-16). Essa perspectiva é marcante nessa forma de produzir História das Ideias Linguísticas, e toma, a partir dos pressupostos althusseiranos, a ideologia não como máscara, mas como relação imaginária e necessária entre o indivíduo e a realidade. É essa relação que interpela o indivíduo fazendo dele sujeito.

Considerar assim essa dimensão ampla da glotopolítica é fundamental para que a leitura que dos dicionários *online* que proponho em minha pesquisa possa se valer dos saberes propostos no campo da Glotopolítica, ponto que defendo no trabalho em tela. Essa aproximação pela qual a língua é entendida como corpo simbólico-político que constitui o sujeito é apontada como parte das perspectivas atuais no desenvolvimento da glotopolítica. Savedra e Lagares destacam que os trabalhos em HIL desenvolvidos no Brasil se caracterizam, segundo seus principais autores, pela ideia de que “o próprio pensamento dos linguistas, muitas vezes sob o modo da simples descrição, constitui a formulação de uma política de línguas.” (SAVEDRA E LAGARES, 2013, P. 17).

Feita tal aproximação, apresento na seção 2 a proposta de trabalho do ponto de vista da HIL/AD para na seção 3 demonstrar que se trata de um gesto analítico que se constitui como uma ação glotopolítica que se beneficia da construção teórica desenvolvida por esse campo do saber.

---

## A Proposta de Análise da Produção de Dicionários *Online*

Definidos por Aurox (1992) como “pilares de nosso saber metalinguístico”, gramáticas e dicionários são, segundo o autor, produtos do trabalho de gramatização, tecnologias da linguagem responsáveis por profundas mudanças históricas, cujos efeitos se comparam ao das grandes revoluções da humanidade; e estão diretamente ligados ao atual estágio das línguas no mundo. A pesquisa que ora apresento concebe que esses instrumentos não estão imunes a outra revolução tecnológica citada por Aurox (2009): a presença massiva da internet no cotidiano das pessoas vem proporcionando novas formas de produção e circulação do conhecimento, produzindo assim, entre outros, novas formas de representação e apresentação desse saber metalinguístico.

A presença da internet é um aspecto importante na constituição dos sujeitos e discursos contemporâneos e produz efeitos não só na própria maneira de utilizar a língua, mas também na maneira de instrumentalizá-la. Podemos pensar os efeitos dessa circulação de saberes tanto do ponto de vista da produção e sistematização desse conhecimento, quanto do ponto de vista de sua aplicação. A observação das práticas de uso do instrumental linguístico leva a uma percepção de que uma vez conectados à rede por computadores, celulares ou outros dispositivos, serão essas as primeiras fontes a serem utilizadas para consulta sobre o uso de determinada unidade lexical ou gramatical: digitar uma palavra no *Google* para descobrir seu significado ou forma de uso parece ser uma atitude trivial.

Por sua vez, a generalização dos mecanismos de busca na internet para a realização dos objetivos dos instrumentos linguísticos é um dos componentes que estimula a produção e a migração desse tipo de conhecimento para o meio digital. É possível encontrar na rede dezenas de sites e aplicativos que se propõem a instrumentalizar a língua, seja pela circulação de um saber já cristalizado, seja pela proposição de instrumentos de construção de novos saberes, de forma que, para a análise que proposta em nossa pesquisa, estabeleço inicialmente a divisão entre os trabalhos autorais/editoriais, produzidos por especialistas nas formas tradicionais de elaboração desses objetos, em contraste com os instrumentos produzidos colaborativamente, a partir das tecnologias de publicação coletiva disponibilizadas na/para a internet.

Tais modificações não vem passando despercebidas pelos pesquisadores da área. Referência no estudo discursivo dos processos de constituição dos dicionários, Nunes (2010) propõe a seguinte reflexão, que bem situa a proposta aqui delineada:

---

Com as novas tecnologias, cada vez mais os sujeitos no dia-a-dia constroem seus próprios bancos de dados ou de textos e também são colocados na posição de definir as palavras (...)

Dicionários impressos são informatizados. Dicionários atuais e antigos são colocados à disposição na Internet (...) Em que essas mudanças afetam a produção de dicionários? Que novas formas de autoria e de dicionários resultarão daí? As técnicas já existentes de elaboração dos dicionários serão abandonadas? (NUNES, 2010, p.16)

É a partir dessa perspectiva que proponho em meu projeto a análise do saber metalinguístico produzido na/para a internet – em especial os dicionários *online* - pela comparação com os saberes produzidos em outros meios de circulação, verificando, as diferenças nas formas de instrumentalizar a língua proporcionados por esse meio; de forma a descrever sob a ótica da AD e da HIL diferentes instrumentos linguísticos disponibilizados na web, bem como as formas como esses dispositivos se relacionam com as demais tecnologias digitais do conhecimento, em especial os buscadores de conteúdo e as redes de compartilhamento.

Pretendo assim analisar o processo de constituição de dicionários colaborativos; em comparação com os dicionários autorais, verificando os efeitos de sentido produzidos por esses distintos processos e relacionando-os às diferentes condições de produção que os envolvem, bem como identificar pontos em que os dicionários colaborativos representem o registro material dos deslocamentos de sentidos, apresentando por sua natureza heterogênea, o dizer que pode ser outro: o censurado, o interditado.

Aproximando-me ainda mais da Glotopolítica, como veremos na próxima seção, pretendo ainda verificar se e como a multiplicidade das formas de dizer e a variabilidade da língua se manifestam na constituição dos dicionários de autor e nos dicionários colaborativos, em especial naqueles que não se marcam em relação a uma espacialidade específica, como Brasil ou Portugal. Por último, pretendo ainda analisar projetos educacionais que se valham dos dicionários *online* como ferramentas pedagógicas, apontando possibilidades de aplicação de um olhar discursivo para a prática docente.

O estudo da constituição dos instrumentos linguísticos disponibilizados na internet, nos moldes que apresento, se justifica na medida em que propõe a produção de conhecimentos teóricos relevantes tanto para a análise das formas pelas quais os instrumentos linguísticos operam como dispositivos discursivos, como das formas de circulação de saberes pelas tecnologias da informação, tendo ainda implicações práticas para o desenvolvimento de instrumentos linguísticos e para sua aplicação no ensino. Trata-se de assim como Petri (2010) “refletir sobre esses instrumentos pedagógicos, sob uma perspectiva que os toma como

---

instrumentos linguísticos, objetos discursivos da maior importância para a constituição dos sujeitos em relação a sua língua.”

Por fim cabe demonstrar que os dicionários *online* são também objeto de estudo pelo viés da Glotopolítica, vemos por exemplo o trabalho de Bonnin e Lauria, que tratam da temática nos dicionários *online* monolíngues em Espanhol. Deles ressalto a afirmação de que

Las condiciones contemporáneas de producción traen aparejadas intervenciones novedosas en el campo público del lenguaje. Esta revolución tecno-lingüística, atravesada por procesos de globalización, transnacionalización e integración regional, que afectan el concepto mismo de Estado nación, así como por la preeminencia de las nuevas tecnologías de la palabra, inaugura inevitablemente una flamante instancia de instrumentalización de la lengua. En tal sentido surge un nuevo criterio de clasificación: diccionario impreso / diccionario *on line*. En algunos casos, los diccionarios son simplemente trasvasados de un medio a otro (del papel a la web) permaneciendo estáticos, sin opción de ser intervenidos por los usuarios. No obstante, también los hay elaborados exclusivamente para y por la web 2.0 que contienen un extenso abanico de recursos interactivos (BONNIN E LAURIA, p. 298)

Dessa maneira, apresento na próxima sessão uma breve exposição de alguns conceitos desenvolvidos na Glotopolítica que oferecem contribuição imediata para a pesquisa a que me proponho. Não pretendo com isso fazer uma revisão exaustiva de conceitos aplicáveis da Glotopolítica ao estudo dos dicionários *online*, mas destacar aqueles que se mostram mais representativos nesse momento inicial de pesquisa apresentado nesse artigo. Pretendo, assim, com essa seção, atingir o objetivo desse artigo: enfatizar a produtividade desses conceitos para um trabalho em História das Ideias Linguísticas orientado pela Análise do Discurso de base pecheutiana.

### **A Contribuição da Glotopolítica**

Muitos são os aspectos trabalhados pela Glotopolítica que podem contribuir para a pesquisa que aqui apresento. A seleção de conceitos aqui registrados tem relação com o ponto atual da dessa pesquisa, e sua exposição tem por objetivo marcar o gesto político envolvido na sua elaboração. Proponho assim, como anunciei, um espaço de interlocução entre as disciplinas em que se inscreve o trabalho, a História das Ideias Linguísticas em sua configuração discursiva proposta por Orlandi, e a Glotopolítica.

Nesse sentido, destaco para o esse trabalho as noções teóricas da Glotopolítica construídas a partir do estudo da legitimação de uma variedade linguística em detrimento de

---

outras, da qual participa o funcionamento da instrumentalização de uma língua, e por extensão, o funcionamento dos dicionários *online*, entendido para a pesquisa como uma nova forma de instrumentar a língua. Interessa assim ao trabalho as noções que contribuem para essa legitimação, a saber: a ideologia da norma padrão (Milroy, 2011), o funcionamento da diglossia (Fergusson, 1959, *apud* Lagares e Savedra, 2012), o mito da lusofonia (Faraco, 2016), a confusão entre norma padrão e culta (Bagno, 2001, 2011, 2016) e o conceito de higiene verbal (Cameron).

Esses conceitos são aqui relacionados como atuantes no processo de planejamento linguístico que caracteriza a elaboração de um dicionário - que constitui tanto uma intervenção na língua: planejamentos de *corpus*; quanto uma intervenção no *status* que as variantes possuem num sistema diglótico: planejamento de *status* - para assim estabelecer uma relação entre Fergusson e Cooper. Na concepção que aqui assumo - da Análise do Discurso - o funcionamento de todos os conceitos a serem tratados se dão sob o funcionamento do ideológico, entendido em termos althusserianos, como bem nos trazem Elvira Narvaja de Arnoux y José del Valle:

En la última década del siglo veinte, el estudio de las representaciones del lenguaje se vio enriquecido por el desarrollo de una nueva categoría teórica: las *ideologías lingüísticas*. Ya Louis Althusser, en su clásica definición, había ligado conceptualmente representación e ideología: “la ideología es un sistema (que posee su lógica y rigor propios) de representaciones (imágenes, mitos, ideas o conceptos, según los casos) dotadas de una existencia y de un papel históricos en el seno de una sociedad dada” (1968: 191-192). La adopción de la etiqueta ‘ideología’, entraña, por supuesto, peligros que no se deben soslayar. Es frecuente, por ejemplo, que se defina como conciencia falsa o incluso como distorsión interesada de la realidad. Es también general su uso como doctrina adoptada por una institución o movimiento social y vinculada a planes concretos de acción política. No son éstos los sentidos en que el término ha sido productivo en los estudios del lenguaje a los que aquí nos referimos (Eagleton 1991). En esta tradición, ‘ideología’ nos remite tanto al ámbito de las ideas -de las creencias, de las representaciones subjetivas- como al de las prácticas -a los procesos que constituyen el significado social de la actividad humana-. Aparecen en todo caso -ya sean representaciones o prácticas- socialmente localizadas y han de ser descritas e interpretadas en el contexto de las múltiples negociaciones que producen, reproducen o disputan el orden social (Woolard 1998: 5-9). (ARNOUX E DEL VALLE, 2010, p. 4)

Assim sendo, podemos considerar a ideologia da norma padrão (Milroy, 2011) como fundante no processo de produção de dicionários; inclusive naqueles produzidos colaborativamente por não especialistas em linguagem. Mesmo um dicionário que se intitule “informal” será regido pelo poder modelador da padronização e reproduzirá situações

---

formais e ultra formais de uso da linguagem, uma vez que ao se permitir produzir metalinguagem e ocupar a posição lexicógrafo o sujeito é instanciado por essa ideologia e produz seu discurso de acordo com essa posição, sendo levado a registrar, não o uso empírico da forma descrita, mas seu imaginário, aquilo que o sujeito acredita que deveria ser usado, o sentido que deveria ser expresso, pois, por essa ideologia a língua deve submeter-se ao padrão, e não o padrão ser resultado de seu processo.

Esse problema resulta na confusão entre norma padrão e culta (Bagno, 2001, 2016). O autor reiteradamente aponta o problema de que os instrumentos linguísticos e pedagógicos normativos basearem-se numa norma inexistente do ponto de vista empírico; defende assim a importância das pesquisas em sociolinguística para o reconhecimento da variante culta falada no Brasil de forma que essa possa ser instrumentalizada e pedagogizada, projeto que vem ocupando parte da produção intelectual do autor. Considerar essa diferenciação no processo de produção de dicionários *online* é de fundamental importância, já que já de se considerar os diferentes registros que esses instrumentos reproduzirão. Concomitantemente é preciso considerar que a produção desses instrumentos legitima essas formas imaginárias, ao tempo que deslegitima outras, ao silenciá-las.

Bagno (2001) chama a atenção para os motivos dessa estranha falta de identidade entre a norma culta de fato e a padrão, atribuindo-a à escolha do padrão literário do século XIX como modelizante para os processos de gramatização no Brasil. Farias (2003), empenhado em aplicar os conceitos da Glotopolítica ao sistema de variedades linguísticas do português no Brasil, defende a partir de Ferguson (1959) que nossa situação é a de diglossia, na qual existe uma língua dominante, representada nos meios sociais de poder e passível de gramatização e uma língua dominada, relegada ao esquecimento/ sendo tratada politicamente como destinada a passar por um processo de substituição normalização.

Não por coincidência, esse padrão envolvido em tal diglossia apresenta formas de uso que se mantém apenas no português europeu, que é por vezes referenciado nos instrumentos linguísticos brasileiros. Assim, essa influência estará presente na formulação dos verbetes *online* e será objeto de análise de nossas pesquisas. Essa tendência à incorporação dos padrões lusitanos no processo de gramatização do português brasileiro é tratada por Faraco (2015) na parte que trata da construção histórica do que se denomina lusofonia. Para ele, por exemplo

Quando os filólogos Celso Cunha, brasileiro, e Lindley Cintra, português, uniram esforços, na década de 1980, para produzir uma primeira gramática

---

convergente do português contemporâneo, trabalhando sob o famoso slogan da unidade na diversidade e se abriram (...) para abrigar, com respaldo em escritores portugueses, brasileiros e africanos, um quase-conceito de norma pluricêntrica para o português, apostavam - como, aliás, os demais filólogos e linguistas de sua geração - na convergência. Em outros termos, elaboravam um projeto para acolher as diferenças de modo a dar relevo às semelhanças. (FARACO, 2016; p 321.)

A forma como essa influência do conceito de lusofonia interfere na produção dos dicionários *online* é, portanto, algo a ser considerado do ponto de vista glotopolítico, principalmente nos dicionários colaborativos que podem ser formulados a partir de diferentes espacialidades. Estaria essa tendência à busca por uma língua transnacional ainda vem sendo marcada na construção desses instrumentos abertos às intervenções diversas?

Cabe finalmente registrar a questão do que Cameron (1995) denomina higiene verbal. Atribuindo à “natureza” da língua o fato de linguagem permitir-se uma metalinguagem, a autora destaca o papel dessa produção metalinguística nas regulações do uso da língua, não apenas no prescritivismo, mas também outros aspectos regulatórios que podem ter ênfase num uso politizado da língua. O conceito de higiene verbal é útil para a proposta que defendo nesse artigo, já que o próprio ato de produzir um dicionário, ou editar um verbete, constitui um ato de controle sobre as formas e sentidos que devem ser permitidos.

### **Considerações Finais**

A proposta de considerar os pontos de contato entre a HIL e a Glotopolítica, defendida nesse artigo constitui um meio de se analisar o mesmo problema por perspectivas distintas, e de apropriação de conhecimentos e reflexões oriundas de outros lugares, para a construção de um objeto de pesquisa. Pensar na constituição histórica dos dicionários eletrônicos, analisar seu discurso por um viés materialista e refletir sobre as implicações políticas dessa construção consiste em gesto de pesquisa que se mostra promissor.

A produção de dicionários *online* é uma forma de produzir conhecimentos sobre a língua ainda pouco estudada, mas seus efeitos sobre o uso da língua já são significativos, uma vez que o uso das tecnologias substitui, no dia a dia de muitos profissionais da palavra, o uso dos instrumentos linguísticos em papel, ou de meio eletrônico *off-line*. O próprio uso de um navegador de internet (*browser*) pode se constituir um instrumento linguístico.

Pensar nas ideologias linguísticas, pela interseção do viés produzido pela análise do discurso na Glotopolítica, parece ser, defendo eu, uma importante fonte para a compreensão

---

do político na língua, da historicidade dos fatos linguísticos e dos mecanismos sociais de produção de modelos de uso da linguagem e de entendimento dessas dinâmicas normatizadoras.

## REFERÊNCIAS

ALEONG, S. Normas lingüísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. *In*: BAGNO, M. (org.) Norma Lingüística. São Paulo: Loyola, 2001. p.145-174.

ARNOUX, Elvira e DEL VALLE, José. Las representaciones ideológicas del lenguaje. Discurso glotopolítico y panhispanismo. *In Spanish in Context*, vol.7, n. 1, Amsterdam, John Benjamin Publishing Company. 2010.

AUROUX, S. Filosofia da Linguagem. São Paulo: Parábola, 2009.

\_\_\_\_\_ A Revolução Tecnológica da Gramatização Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BAGNO, Marcos. Português ou Brasileiro? ( um convite à pesquisa ).São Paulo : Parábola Editorial. 2001. 182 p.

BONNIN, Juan Eduardo e LAURIA, Daniela Diccionarios on line: hacia una nueva fase del proceso de gramatización de la lengua española. Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos – Nº 36 – jul-dez. 2015.

\_\_\_\_\_ Dicionário de Sociolinguística. *No prelo*. 2016.

CAMERON, D. Verbal Hygiene. London and New York: Routledge. 1995. Tradução de Marcos Bagno.

FARACO, Carlos Alberto. História sociopolítica da língua portuguesa. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FARIAS, Roberto. A atual situação diglössica do Brasil: suas origens no bilingüismo dos primeiros séculos de colonização. Actas do I Simposio Internacional sobre o Bilingüismo. Vigo: Servicio de Publicacións da Universidade, 2003.Disponível em: <<http://ssl.webs.uvigo.es/actas1997/06/Farias.pdf>> acesso em 15 set 2016.

---

MILROY, James. Ideologias Lingüísticas e as Conseqüências da Padronização In: BAGNO, Marcos; LAGARES, Xoan Carlos. (Orgs.) Políticas da Norma e conflitos lingüísticos. São Paulo: Parábola, 2011.

NUNES, J. H. Dicionários: história, leitura e produção. Revista de Letras (Taguatinga), v. 3, p. 06-21, 2010.

PETRI, V. et al. Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos. 1. ed. Santa Maria: PPGL-Editores, 2010. v. 1. 120 p. Disponível em: <<http://corpus.ufsm.br/?p=140>>. Acesso em 20 jun. 2015.

SAVEDRA, Mônica M. G. e XOÁN, Carlos Lagares. Política e planificação lingüística: conceitos, terminologias e intervenções no Brasil. Revista Gragoatá. N° 32. 1° semestre de 2012. p. 11-27, 2012.